

# APRESENTAÇÃO

## Vozes do Poema em Prosa

Ao estabelecer uma contiguidade entre prosa e poesia, formas associadas maioritariamente, ainda, a diferentes modos do discurso literário (o narrativo e o lírico) entendidos como contrastantes, o poema em prosa — bem como a prosa poética — parece constituir um inultrapassável paradoxo conceptual, insistentemente redefinido pela crítica e pela teoria literárias como pseudo-género em estado de permanente reformulação e assente na hibridiz, na anomalia ou na “exploração metonímica da incompletude” (Atherton e Hetherington 2016: 22). Em suma, a forma do poema em prosa parece invocar certa ideia de *deformidade* como característica fundadora e fundamental, sugerindo que se trata de um objecto constitutivamente ou potencialmente disruptivo, experimental e inconforme, que, como afirma Suzanne Bernard em *Le Poème en prose de Baudelaire jusqu'à nos jours*, obra que continua a ser a grande referência neste campo de estudos, oscila entre dois pólos, o da “anarquia destrutiva” e o da “organização artística” (1978: 444).

Este número da *eLyra* procura interrogar e re-perspectivar o poema em prosa e as margens entre prosa e poesia, sem limites pré-determinados no que toca a épocas, línguas ou tradições literárias. A incidência dos olhares críticos sobre pontos de confluência e de atravessamento pretende dar espaço a estudos que reconsiderem o lugar-comum do choque formal produzido pelo poema em prosa à luz de novos entendimentos. Associado tanto ao narrador quanto ao sujeito lírico, ou dissociado de ambos, o poema em prosa e a prosa poética possibilitam interrogações específicas, pelo viés da sua estruturação narrativa ou da sua dimensão lírica, em relação *a quem* ou *ao que* fala (Kjerkegaard 2014: 188). É por esta razão que ao explorar também o “momento elástico” que configura a temporalidade do poema em prosa (Munden 2017), ou seja, a sua inscrição de histórias e a sua inscrição na História, este género tem sido um lugar privilegiado na manifestação de subjectividades alternativas e periféricas (feministas, *queer*, pós-coloniais, entre outras), e, ainda, subjectividades não-humanas (o objecto, a coisa, o animal).

É precisamente a voz do animal que abre o conjunto de textos aqui reunido, com a reflexão de Renata Coutinho Villon sobre “O que há de poesia no animal: uma análise da ‘prosa em prosa’ de Jean-Marie Gleize”. Descortinando algumas das formulações teóricas deste poeta francês contemporâneo em torno da “prosa em prosa”, um conceito ligado intimamente à figura do cão, tal como se defende em *Les Chiens noirs de la prose*

(1999), a autora procura, por um lado, inscrever a teorização de Gleize na história da literatura (francesa), regressando a Victor Hugo e passando por Charles Baudelaire, e, por outro lado, interrogar-se acerca da (in)operatividade de noções como as de “prosaico” e de “lírico” na constituição de uma voz “animalesca” ou animalizada, marcadamente anti-convencional.

É também de um problema de expressão que se ocupa o artigo de Juliano Gouveia dos Santos, intitulado “Ilhas da voz – paisagem e criação na prosa de Herberto Helder”. Embora não aborde directamente a questão do poema em prosa nem da prosa poética, em sentido estrito, Juliano Gouveia dos Santos elabora uma reflexão sobre o lugar particular da prosa contra o pano de fundo da poesia na obra helderiana. Neste contexto, o autor explora sobretudo o tópico da insularidade e da sua relação com a morte, destacando o modo através do qual a voz poética do texto helderiano evoca frequentemente uma morte necessária à transformação do tecido poético.

Ampliando e enriquecendo o enquadramento crítico e geo-cultural das interrogações desenvolvidas neste número, “Prose poétique africaine et philosophie de la création verbale”, artigo de Gounougo Aboubakar e Saran Cissoko, reflecte sobre a noção de prosa poética nas literaturas africanas. Partindo de uma análise minuciosa de excertos de Djibril Tamsir Niane, de Léopold Sédar Senghor, de Ahmadou Kourouma, de Joseph Anouma e de Zegoua Gbessi Nokan, os autores mostram de que modo as literaturas africanas, através da ligação à literatura oral, são historicamente híbridas do ponto de vista dos géneros, sendo a prosa poética, por isso mesmo, uma forma dominante.

O ensaio de Mariana Nascimento, “Poesia: escavações do fantasma. A tensão entre poesia e prosa em *Teoria do Fantasma* de Fernando Guerreiro”, traz-nos de volta ao contexto português e à literatura contemporânea. Mariana Nascimento tem como objecto do seu estudo a complexa relação entre prosa e poesia no livro *Teoria do Fantasma*, de Fernando Guerreiro, que inclui o encartado *Teatro Dubrowka*. A autora problematiza a espectralidade, associando-a à noção de resíduo, para mostrar como a dimensão ensaística e visual do livro de Guerreiro se insinua na poesia, criando novas formas de ler o poema.

Em “O grito do *griot* e o serviço da palavra: declamação e oratória na poesia de Abdias do Nascimento”, Gustavo Scudeller estende os estudos de caso abordados nos textos anteriores a outras latitudes da literatura em língua portuguesa. Centrando-se na obra do artista múltiplo Abdias do Nascimento, que exerceu também uma intensa actividade pedagógica e política no Rio de Janeiro, Scudeller examina as leituras gravadas, feitas pelo próprio autor, do livro *Axés do Sangue e da Esperança. (Orikis)*. Ao considerar as fronteiras permeáveis entre poesia e prosa para lá do universo da escrita, problematizando também a declamação e a oratória, o autor sublinha tensões entre escrita e oralidade, forma e ritmo, e literatura e musicalidade que se revelam centrais na entrevista que fecha este número.

Assim, a materialidade do poema em prosa e o desafio que ele coloca à rigidez de certas concretizações formais ocupam uma parte importante da reflexão de Regina Guimarães e Saguenail em torno da prosa, da poesia, e do poema em prosa, na entrevista realizada pelos editores deste número ao organizador e à tradutora de *Embriagai-vos* (Flop, 2019), uma antologia de poemas em prosa da literatura francesa do fim do século XVIII e do século XIX que se afigura um objecto ímpar no panorama editorial português. Sublinhou-se, deste modo, a importância desta antologia, não só pelas escolhas que faz e apresenta em português, mas também pela maneira como conduz o seu leitor historicamente, contextualizando a forma, os poetas e as obras. No prolongamento desse gesto, discute-se a relação do poema em prosa com o tempo, com outros géneros, com a tradução, evidenciando o seu lado subversivo que se mantém ainda hoje plenamente activo.

Rita Novas Miranda  
Amândio Reis

## BIBLIOGRAFIA

- Atherton, Cassandra / Paul Hetherington (2016), “Like a Porcupine or Hedgehog? The Prose Poem as Post-Romantic Fragment”, *Creative Approaches to Research*, vol. 9, no 1: 19-38.
- Bernard, Suzanne (1978), *Le Poème en prose de Baudelaire jusqu'à nos jours*, Paris, Nizet.
- Guimarães, Regina (org.) (2020), *Embriagai-vos. Antologia de Poemas em Prosa de Autores Franceses*, trad. de Regina Guimarães, pref. e notas biográficas de Saguenail, Porto, Flop.
- Kjerkegaard, Stefan (2014), “In the Waiting Room: Narrative in the Autobiographical Lyric Poem, Or Beginning to Think about Lyric Poetry with Narratology”, *Narrative*, vol. 22, no 2: 185-202.
- Munden, Paul (2017), “Playing with Time: Prose Poetry and the Elastic Moment”, *TEXT*, no 46: 1-13.